AmM/F.90
Raro

Ruy Barbosa e Albuquerque Liborio

DISCURSOS extraidos do
Renacimento Civico.

O BATALHÃO DOS ATIRADORES BAÍANOS

Na Parada Nacional de 7 de Setembro de 1917

Organizado por

José Gabriel de Lemos Brito

e

Alberto Morais Martins Catarino

AmM
F.90

para leitura e incentivo
da mocidade brasileira.

—MANAUS — 1940—

BANDOS

DO BRASIL

Organizado por

José Cabral de Loanos Filho

Alfredo Moreira Martins Coutinho

Rua Barroso e Alpendre Lipoio

A INGLATERRA, GENEROSA, LIBERAL, AMIGA DO POVO JUDEU, ORDEIRO, LABOROSO, PROGRESSISTA,

ofereço, dedico e consagro a publicação dos dois discursos com que, em 18 de Setembro de 1917, o Meu Mestre e Meu Amigo Conselheiro RUY BARBOSA, a Aguia da Haia, e o obscuro autor destas linhas fomos os interpretes dos sentimentos da bela primogenita de Cabral.

Manaus, 19 de Abril de 1940

Joaquim de Albuquerque Lilorio

BIBLIOTECA PUBLICA DO AMAZONAS
Reg. a fls. 259 do Catálogo-Inventário,
sob o N.º 3.8.5..
N.º de Classificação: .....
Em 5 / 2 / 1948.

Discurso lido pelo senador Ruy Barbosa, na sessão civica de 18 de setembro de 1917, realizada no Teatro Lirico do Rio de Janeiro, e destinada a comemorar a visita dos Atiradores Baianos:

Minhas senhoras. Meus senhores.

Srs. Atiradores Baianos.

Se não se tratasse de um ato de submissão, mas de um ato de vontade, não seria eu quem aqui viesse hoje com o encargo, que, em nome dos Baianos residentes nesta capital, me impôs uma comissão eleita dentre os seus mais eminentes membros, negando os ouvidos ao insistir das minhas escusas, e furtando os olhos á evidencia da minha impropriedade.

O ORADOR E O ASSUNTO

Num momento, como este, de efusõis ardentes, não era esta a voz indicada para ecoar entre moços, ávidos do canglor das trombetas do futuro. Cordas gastas pelo rude atrito da indignação e oxidadas á fria temperatura da severidade, não vibram senão mal de seu grado, e dissonando, aos sopros do entusiasmo. Tiçõis de braseira apagada não tornam facilmente a revermelhar. De carvõis cobertos pela cinza da experiencia não é que se ha de reanimar a lareira extinta. O que ela estava hoje a pedir era a madeira quente e resinosa, lenha recumante de seiva, braços do arvoredo opulento, e não chamiço inutil, ou restos de borralha, para crepitar numa alvorada estridente de contentamento, para resonar numa orquestra de energia, para arder numa labareda imensa de esperança, através de cuja claridade o auditorio, transportado nos surtos da eloquencia, fivesse, como nas miragens do colorido celeste, a visão da vida na exuberancia da sua plenitude.

Aos reflexos da palavra incendiada no calor das grandes emoçõis, veriamos então desfraldar-se esta bandeira e soltar-se aos ventos como as velas de um sonho alado, ceus em fora, rumo do futuro. Esta bandeira, senhores, que uma lembrança carinhosa dos seus con-

terraneos, vem aqui entregar hoje aos Atiradores Baianos, emissarios do seu glorioso torrão natal nas festas de 7 de Setembro. Nunca a empunharam melhores mãos do que estas, as mãos da Baia, que, em toda a historia deste pais, brilhou sempre á testa da vanguarda, sobresaindo nas horas mais criticas e nos mais prosperos dias, entre os primeiros na linha extrema do perigo, entre os maiores na ultima divisa da inteligencia, entre os sumos na mais alta raia da autoridade, rainha entre as rainhas do espirito, da bravura e do poder, augusta destronada, que se deixou despojar da sua corôa, mas não perdeu os titulos do seu principado, por haver consentido que lhos enterrassem numa dependencia imerecida os interesses da subserviencia, da mediocridade e da cobiça.

DE CENTRO SOLAR A SATELITE

Porque seria que da condição de centro solar do sistema deceu ela á de refletor de luz alheia, sendo humilde satelite, para gravitar subordinadamente numa deslustrosa inferioridade? Que singulares transmutaçõis no seu destino a reduziram a girar, silenciosa e apagada, na orbita que outros lhe traçam? Donde as influencias, que a condenaram a esta opacidade, que a acomodaram com esta subalternidade, que a paralizaram nesta insensibilidade?

QUAL A RAZÃO

Teria Deus, porventura, fulminado com a esterilidade aquelas entranhas poderosas e inesgotaveis, donde borbotava o genio, a eloquencia, a atividade, a riqueza? Ter-se-á, por acaso, desiluminado o seu firmamento, desoxigenado o seu ambiente, desfertilizado o seu solo, desenervado o seu povo, dessangrado o seu brio, desvivido a sua honra? Dar-se-á que "a heroina de seios titanicos" haja perdido a sua divina maternidade? que a genetriz de gigantes já não seja capaz senão de conceber pequenezas? que o leite donde se criaram patriotas, heróis e estadistas, degenerasse das suas esplendidas virtudes, e perdesse as suas excelsas qualidades'

A BAÍA E O POVO BAÍANO SEMPRE OS MESMOS

Bem sabeis que não, senhores. A atmosfera de hoje é a mesma que a de outrora. A mesma, a terra. A gente, a mesma. Os frutos do espirito luxuriam, ali, com igual profusão que os do entendimento. O viço borbulha com tanta intensidade nos cerebros, quanta nas pradarias, nas lavouras e nas selvas. Não se sabe onde mais reluz a opulencia do ouro fino e das gemas raras, se nos veios do talento, ou nos das minas inexauriveis; onde mais se multiplicam as maravilhas, se nas obras diretas da criação divina, se nas da aplicação humana. Nas suas escolas, nas suas faculdades, nas suas letras, no seu jornalismo se agita o calor, o movimento, a evolução da vida crecente. Um povo de uma sensibilidade extrema, de uma admiravel presteza na assimilação das idéas, de uma accessibilidade extraordinaria a todas as impressõis generosas, um povo de idealistas e poetas, de oradores e escritores, de missionarios e aventureiros, de homens de combate e homens de trabalho renova todos os dias o antigo tesouro de privilegios criadores e brilhantes, que foram, noutros tempos, a base do seu primado, e são hoje o desespero da sua preterição.

A BAÍA E A PRETERIÇÃO

Não ha duvida que ela a sente, que ela a vê, que ela a reconhece, que ela a estranha, que ela a lastima, que ela a maldiz. Mas quem lha explicaria? E, sé contra ela ainda é possivel a reação, quem lhe descobriria o seu segredo? Todos os dotes de que a prendou o Criador, aí estão com ela intactos, desenvolvidos, aumentados: na população, na industria, no ensino, na liberdade politica, na expansão da cultura. Mas onde o seu antigo prestigio? Onde a sua culminancia de outrora? Onde aquele acendente, de que, entre as suas irmãs, nenhuma se resentia, e que todas lhe acatavam? Onde a incognita desta contradição espantosa entre o seu valor de realidade e o seu valor de estima na politica nacional? Por que não melhora ela, nem mesmo quando o seu povo enriquece? Por que não se desassombram sequer as suas finanças, nem ainda quando as suas rendas avultam, quando as arcas do seu tesouro se enchem, quando os "deficits" se lhe substituem por saldos? Por que será que com o seu renacimento economico ha-de continuar em contraste a sua situação decendente no governo do país? Por que

será que, nas alturas onde se dispõi dos destinos do Brasil, ela se vai desgraduando todos os dias, ao passo que as suas antigas rivais não cessam de ganhar na carreira acencional? Estes graves problemas, quem os porá em equação pratica, e os acabará de resolver, restituindo o Estado da Baia, neste regimen, ao lugar, á consideração, á dignidade, que, no regimen anterior, nunca cessou de ter a Provincia da Baía?

Quem, senhores? A Baia mesma. Ela só. Certamente ela, ela decididamente, e inevitavelmente ela, no dia em que resolver tomar nas suas mãos a sua propria causa, e, com a serenidade, a seguridade, a tenacidade, que deve, assentar em governar-se a si mesma, em passar de governada a governante.

O MAL DA BAÍA

O mal da Baía, como, em geral, do Brasil todo, é isso a que, pela inconciencia do uso, vamos dando, com irrisão, o nome de *politica*. Não ha, no territorio brasileiro, zona mais devastada por esse vicio corrosivo, mais esgotada por essa endemia depressora. Politica, isso? Não. A politica afina o espirito humano, educa os povos no conhecimento de si mesmos, desenvolve, nos individuos, atividade, coragem, nobreza, previsão, energia, cria, apura, eleva o merecimento. Não é esse jogo da intriga, da inveja e da incapacidade, a que entre nós se deu a alcunha de politicagem. Esta palavra não traduz ainda todo o desprezo do objeto significado. Não ha duvida que rima bem com *criadagem* e *parolagem*, *afilhadagem* e *ladroagem*. Mas não tem o mesmo vigor de expressão que os seus consoantes. Quem lhe dará com o batismo adequado? Politiquice? Politiquismo? Politicaria? Politicalha? Neste ultimo, sim, o sufixo queima como um ferrete, e desperta ao ouvido certa consonancia elucidativa.

POLITICA E POLITICALHA

Politica e politicalha não se confundem, nem se parecem, não se relacionam uma com a outra. Antes se negam, se excluem, se repulsam mutuamente. A politica é a arte de gerir o Estado, segundo principios definidos, regras morais, leis escritas, ou tradiçõis respeitaveis. A politicalha é a industria de o explorar a

beneficio de interesses pessoais. Constitúi a politica uma função, ou o conjunto das funçõis do organismo nacional: é o exercicio normal das forças de uma nação conciente e senhora de si mesma. A politicalha, pelo contrario, é o envenenamento cronico dos povos negligentes e viciosos pela contaminação de parasitas inexoraveis. A politica é a higiene dos paises moralmente sadios. A politicalha, a malaria dos povos de moralidade estragada.

A MALARIA

Muitas vezes nas paragens onde se respiram esses venenos crueis, onde reinam esses agentes de morte, precisamente aí é que a natureza nos atrái com os sorrisos da mais amavel beleza, ou nos dá em rasgos da majestade mais grandiosa a impressão absoluta da sua inocencia e da sua pureza. Na beleza dos seus ceus tudo é limpidez e diafaneidade. Dir-se-ia que o sol e as estrelas acariciam com amor a resplandecencia do azul imaculado. Na doçura dos seus ares tudo é bondade e transparencia. No agazalho das suas terras, tudo abundancia e liberalidade. Vales banhados de rios. Montanhas cobertas de florestas. Planuras tapizadas de prados. Bastaria estender a mão para o cristal das fontes que cantam á flor do solo, para o mimo dos pomos que loirejam nas ramas do arvoredo, para as riquezas que extravasam do seio da terra á superficie do solo. Nesse ambiente carinhoso, nesse meio privilegiado, não haveria senão que sorver a longos haustos a bemaventurança, aspirar sem cuidados a saúde, beber sem limites na taça do contentamento e da vida. Mas o miasma invisivel se infiltrou nesse Eden, e, no meio da felicidade que se exala da natureza, o homem, condenado á miseria pelo germen fatal que lhe circula nas veias, entristece, definha, agoniza, inerte, embrutecido, inutil. A magrém, a amarelidão, a caquexia, o hebetismo devoram lá á vontade as suas vitimas, e uma raça valetudinaria, degenerada e repulsiva arrasta alí, entre esplendores da criação, o aviltamento de uma existencia intoleravel.

Tais, senhores, os povos a quem coube a sorte de nacerem nas mais prodigiosas regiõis do nosso planeta, e vegetarem, sob a aparencia das melhores instituiçõis,

devorados, em plena mentira constitucional, pelos vicios da corrução da liberdade.

O REMEDIO. OS EXEMPLOS

Esses males se remedeiam, ou se previnem, quando as comunidades ameaçadas ou invadidas não se resignam á fatalidade, e, antes de exauridos os elementos da vida, se determinam a empreender-lhes a regeração. O mundo inteiro se está hoje reconstituindo para uma organização superior da justiça, da lei e da ordem, assim nas relaçõis entre os Estados, como no seio de cada uma das naçõis. A Força desencadeou a guerra para engolir a civilização, e a civilizacão extrái da propria guerra os meios de esmagar a força. O genio do absolutismo concebeu o monstruoso arrojo de ferir mortalmente a liberdade moderna nos seus centros vitais, e, ao inesperado choque, as instituiçõis liberais surgiram armadas, para levar até ao coração dos invasores o principio, cuja eliminação eles conspiravam. O militarismo aparelhou-se durante meio seculo para ampliar a extensão dos seus dominios de oceano a oceano, de continente a continente. Mas da revolução que ele encabeçou contra o direito, para o banir da superficie da terra, surgiu, torrentosa e irresistivel, a democracia, num impeto, a cuja caudal se aluem todos os diques, arrebatando como joguetes os tronos e cetros milenarios dos czares, constrangendo o direito divino dos kaiseres a cantar a palinodia constitucional, e amontoando encasteladas em torno dos imperios de sangue as vagas da conquista moral, que acabará carreando nas suas aguas, entre os destroços do maior dos naufragios humanos, os derradeiros restos das duas odiosas dinastias, com os seus cetros, os seus orgulhos e os seus crimes inenarraveis.

NÃO SE ILUDAM

Enganam-se muito mal enganados, senhores, os que cuidam que a esse movimento de profunda e irresistivel democratização, cujas ondas lavaram o imperio moscovita, submergindo o despotismo russo, não obstante a eternidade aparente dos seus alicerces, espraiaram além pelo extremo oriente, sacudindo a imobilidade asiatica nos seus fundamentos, levaram as reivindica-

çõis populares até á China paradoxalmente republicanizada, e estão revolvendo o mundo todo nas suas mais insondaveis profundezas, como se todo o sistema humano do globo entrasse em fusão nos moldes misteriosos da Providencia, e deles estivessemos para ver sair, totalmente reconstituido, o regimen politico do universo; muito mal enganados estarão, senhores, torno a dizer, os que acreditarem que a essa preiamar universal da conquista dos governos pelos povos escapará indene a America Latina e, com especialidade, o nosso Brasil.

A HORA DA VITORIA DA DEMOCRACIA, O PAPEL DA AMERICA

Neste continente, como no outro, chegou, para a democracia, a hora inevitavel do seu triunfo contra as antigas usurpaçõis que a esbulharam. Os governos vacilam ou tergiversam. Mas o oceano crece para eles, e ha de acabar envolvendo os que lhe resistirem. A historia da nossa posição, como da dos outros Estados americanos nesta guerra, é uma série de hesitaçõis. Hesitámos em protestar, e perdemos, assim, a mais oportuna ocasião do protesto; mas acabamos protestando. Hesitámos em romper a neutralidade, e inutilizámos, destarte, o ensejo mais glorioso do rompimento; mas não tivemos remedio senão acabar, afinal, rompendo. Estamos agora hesitando em chegar ao termo necessario desta evolução; e, para a ladear, criámos esta situação imprevista até agora no direito internacional, esta situação de meio termo entre a guerra e a neutralidade, que não é nem neutralidade, nem guerra, e, não tendo as principais vantagens de uma ou de outra, reune quasi todas as desvantagens de ambas. Mas as circunstancias hão de vencer, provavelmente, estas ultimas oscilaçõis, como venceram as outras, e não tocaremos o termo desta camapnha, sem que as outras republicas americanas vão, conosco, até onde chegaram os Estados Unidos. Por menos que nós e elas compreendamos os nossos verdadeiros interesses, mais poderá do que tudo a necessidade soberana dos acontecimentos; e então as republicas latinas deste continente não se verão reduzidas a assistir da galeria ao congresso da paz, onde se hão de liquidar as contas da justiça nesta guerra, onde se traçará o futuro mapa do

mundo, onde se estabelecerão as situaçõis definitivas, a que vai obedecer, daí em diante, a politica internacional.

O BRASIL E O MOMENTO INTERNACIONAL

Qualquer, porém, que seja a altura, a que cheguemos, ou o atraso, a que nos condenemos na politica internacional, o que, nesse terreno, lograrem os nossos governos para evitar a solidariedade ativa com os beligerantes, não o lograrão para alcançar que apartemos incólumes do vórtice deste ciclone, que, dentre estas democracias rejuvenecidas e estas autocracias democratizadas, só o Brasil se retire com a impudente falsificação da sua democracia ilesa, com a sua republica de oligarquias, mandõis e caudilhos intacta, com o mesmo regimen de cinica inconstitucionalidade, sem eleiçõis populares, sem governos responsaveis, sem orçamentos reais, sem orgam nenhum por onde a moralidade nacional se desagrave, por onde a vontade nacional se declare e execute.

Essas correntes de ar ozonado, que, renovadas pelas descargas eletricas de grande conflagração, percorrem hoje todos os paralelos e todos os meridianos do orbe terrestre, sem respeitar distancias, mares, nem montanhas, carregando, como palha que o vento leva, monarquias, imperios e cartas, constituiçõis, Estados e nacionalidades, superstiçõis, privilegios e tiranias, esses desabridos tufõis que lufam de toda a parte, varrendo em todos os sentidos a atmosfera, tambem aqui penetraram, tambem daqui se não despedirão sem ter exercido alguma influencia, da que estão exercendo por toda a superficie da terra; e, se nem as Siberias tenebrosas, nem as masmorras russas, nem as muralhas chinêsas lhes embargaram o curso; se os solios fundidos em granito e caldeados na imemorialidade do tempo se esfarelam, ao martelar dessas rajadas do carpinteiro do Destino, como a poeira sacudida pelos vendavais, — não seriam as nossas construçõis politicas de areia movediça que fizessem rosto a esse embate, e lhe zombassem da violencia desusada.

PREVISÕIS SOMBRIAS

Não incito, senhores, não aconselho, não desejo. Bem ao contrario, por isso mesmo que não desejo, antes

me inquieto, receio e temo, é que, antevendo, previno, advirto. Não desejo, porque, num país onde não ha idéas assimiladas, onde não ha forças organizadas, onde não ha superioridades acatadas, uma comoção revolucionaria me inquietaria. Os exercitos do bem não estão constituidos. Mas as organizaçõis do mal, os poderes sinistros da desordem estão alerta, para agarrar a ocasião pelos cabelos, para arrastar a multidão pelas suas paixõis e pelos seus sofrimentos, pelas suas ignorancias e pelas suas necessidades. O que eu pressagio, e não ouso prognosticar, não é, pois, o que eu desejaria promover, mas o que eu envidaria tudo por evitar. Tudo, senhores, menos o silencio, menos a cumplicidade com os abusos, menos a transação com os desatinos.

O EXEMPLO MOSCOVITA

Gabam-se os republicanos, muito mais do que lhes cabe, da sua vitoria contra a Monarquia. A Monarquia morreu pelas suas proprias mãos, da impenitencia do trono e da intransigencia dos monarquistas com as reformas liberais. A Republica tambem poderia correr o risco de acabar do mesmo modo, não para lhe suceder a Monarquia, o que nunca mais será exequivel, mas para lhe suceder a anarquia, o que seria infinitamente peior. O exemplo da desorganização moscovita é a peste do Oriente. Mas as pestes morais circulam hoje o mundo com a rapidez da eletricidade. O povo brasileiro não teria as energias do povo russo para se salvar da crise, de que este, talvez, se vai salvando. Mas, para cair numa crise de carater semelhante, sob a ação do fluido poderoso que está convulsionando o mundo contemporaneo, não nos minguam elementos explosivos, que a poderão determinar inesperadamente, se os nossos politicos não se resolverem a deixar de ser politiqueiros, e as nossas classes conservadoras não se decidirem a pesar com todo o seu peso nos destinos da nação.

Não fiar no estribilho de que o povo é de carneiros ou muares. Tambem os rebanhos das alimárias mais sossegadas se alucinam, e, alucinados, podem passar por cima dos tropeiros desmontados.

LIÇÃO ESQUECIDA

Ainda não ha dois anos que o Brasil, arruinado e vilipendiado, via encerrar-se entre as demonstraçõis mais veementes da colera e do desprezo popular um periodo administrativo, do qual se poderia dizer o que se escreveu da época de Luis XV no auge da sua orgia: "Não é para a revolução que caminha a sociedade: é para o esgoto".

Se o sumisso desse governo, aliviando-nos da sua presença, lhe desapagasse de todo os vestigios e nos livrasse das suas obras, o dia que vimos ultimar esse funesto quadrienio teria sido uma data de gala e desassombro, consolação e triunfo. Mas, quando os espectros dessa calamidade nos desapareceram, pingando lôdo e sangue, açoitados pelo clamor publico, direito, ordem, liberdade, administração, finanças, credito, honra, tudo se havia perdido, e nada, nada, nada se preservara. Em duas palavras se poderia pintar a situação nacional: miseria e vergonhas. De modo que, vendo passar os esquifes do saimento de 15 de Novembro de 1914, teve o povo a impressão de assistir ao enterro das suas instituiçõis, da sua dignidade, do seu futuro, e, num desses movimentos humanos a que se não resiste, exprimiu com violencia a sua indignação, o seu nojo, o seu desespero.

Para que esse impulso, que só não estava com a natureza em se limitar á superficie de uma cidade, quando seria de esperar se generalizasse ao país inteiro; para que essa reação do instinto nobre das multidõis não fosse irreprimivel, seria mister que num daqueles ataúdes se achasse tambem pregada a conciencia da nação. Essas erupçõis da sensibilidade humana persistentemente abafadas assumem ás vezes proporçõis memoraveis, inolvidaveis, justamente quando se poderia imaginar que, graças á costumagem dessas estiradas hibernaçõis da conciencia dos povos, estivesse ela adormecida para sempre, e já não houvesse estimulantes com que a erguer do sopor incuravel, em cuja deshonra o habito das longas opressõis mergulha as naçõis resignadas.

OS FERETROS DE LUIS XIV E LUIS XV

Quando Luis XIV, terminando os cincoenta e cinco anos do seu espantoso absolutismo, expirou, deixando as finanças publicas em destroços, e testando á França a regencia de um dos seus bastardos, o caminho de Versalhes a Saint-Denis converteu-se, para os restos mortais do Rei Sol, em via dolorosa de ultrages. A grande estrela daquele destino, que fulgurara, deslumbrando tudo, nos campos de batalha, nas letras, nas artes, nos conselhos politicos da Europa, desaparecia agora num tumulo enlameado de baldõis. O soberano, cujo reinado unificara a França, resplandecera entre uma constelação de genios, e veio a dar o proprio nome ao seculo da sua passagem, não obtinha, no transito para a eternidade, a paz dos mortos. O povo que ele esmagara de tributos, entregara á ceva das guerras e acabava deixando afogado na miseria, lhe cobrou, assim, em afrontas, á beira da sepultura, o preço do seu orgulho, da sua ambição, da sua intolerancia, da sua crueza, da sua lacivia e da sua prodigalidade.

O carro funerario que o levava á derradeira jazida, teve de sair entre lobo e cão, sobre a noite, abrigado ao escuro do lusco fusco, e, esgueirando-se sem rumor do paço régio, buscar rodeios e desvios, para ir ter, despresentido, á antiga basilica de Dagoberto, onde havia setenta e tres anos que o aguardava o seu predecessor.

Todas as classes receberam com exultação, rejubilando, as novas do passamento do monarca extraordinario, que, depois de se haver coberto de glorias e exalçado ao zênite do poder, vasquejara, nas abandonadas horas da agonia, vendo batidos os seus exercitos, humilhados os seus marechais, rôta pela invasão a sinta da defesa nacional e perdido o cetro da politica europea.

Nunca se inverteu com transposição tão subitanea e reação tão completa a corrente de um seculo inteiro. "O momento em que a existencia de Luis XIV se apagou como uma vela, foi o anuncio de uma revolução". A éra, que o deslumbramento intelectual e artistico da posteridade viria a considerar, mais tarde, como a quadra mais esplendorosa das letras francesas, recebia nesses atos, ao expirar, do sentimento contemporaneo, a caracterização cruel com que a justiçava a

experiencia dos que a tinham atravessado, qualificando-a como uma época "de miseria e opressão dolorosas".

A côrte abriu em torno desses despojos infamados o vazio da cobardia e da ingratidão, com que valídos e lacaios, criaturas da tirania, soem desforrar-se das mercês dos seus benfeitores. Nem mesmo os principes do seu sangue, nem sequer a prole ilegitima que ele erguera da bastardia ao principado, nem ainda um só dos pares de sua feitura, nenhum dos cortesãos que se lhe rendiam a tudo nas antecamaras e não conheciam limites á baixeza nas abjeçõis da subalternidade, nenhum desses aduladores, desses instrumentos, desses nepotes de mais de meio seculo de incondicionalidade na subserviencia ao senhor de corpos e almas, nenhum lhe estava de guarda ao caixão mortuario, desamparado pelo clero, pela nobreza e pela familia mesma ao tripudio e audacias da plebe.

Assim que se divulgou a noticia do trespasse, Paris entrou a doidejar de alegria, o povo bateu as palmas, retoiçou em dansas e cantares, pôs de luminarias a cidade, acendeu fogueiras. O cortejo funebre, que a policia não consentiu atravessasse as ruas da capital delirante, quis ver, na derrota noturna e calada, se se evadia á curiosidade parisiense. Mas a arraia-miúda, cujas turbas, de sobre aviso, acampavam em alvoroço na esplanada que separa da metropole o tumulo dos seus reis, acompanhou, tumultuando, o saimento até as portas da catedral; e, para que ali não derribasse o feretro, e profanasse o corpo, que a morte já recebera gangrenado, foi necessario que a tropa lhe valesse. Mas o caixão baixou á tumba entre os insultos do populacho. As efigies reais em pedra e marmore foram esborcinadas e mutiladas. As de bronze enxovalharam-se em cartazes injuriosos. Uma noite inteira, a sedição postuma bramiu ali os seus rancores, cuspiu os seus oprobrios, ululou a sua vingança. Até ao amanhecer do outro dia durou a macabra saturnal. E, quando, daí a cincoenta e nove anos, os sarcofagos de Saint-Denis se abriram outra vez, para agasalhar os despojos mortais, já putridos tambem, do sucessor do grande Rei, abandonado, como este, a um sequito de pagens, amortalhado, sem aromas nem galas, nos lençóis onde a morte o colhera, carreado a furto através da cidade tresvairada, Paris celebrou com explosõis iguais de

jubilo agressivo e tremendas afrontas o encerro "desse monturo humano" entre as criptas do templo infestado.

DUZENTOS ANOS DEPOIS

Era sob a atmosfera do seculo dezoito, em pleno regimen absoluto, na ausencia total de instituiçõis liberais e instituiçõis populares, que a capital do Reino dos Bourbons dava aos seus monarcas, aos dinastas da mais antiga monarquia européa essa lição atroz, que a vindicta publica se exercia, com essas formas horrendas, nas covas de dois reis, um dos quais aureolado, apesar de todos os seus crimes, com o nome de grande. Como estranhar que, duzentos anos depois, em pleno seculo vinte, em plena democracia, em pleno republicanismo, a metropole de uma nação americana, manutenida nos foros de livre por duas constituiçõis carregadas de garantias, perca, de vez em quando, o equilibrio da sua resignação habitual, e submeta os tiranos de papelão democratico, os macaqueadores do arbitrio dos reis absolutos ao suplicio dos histriõis, apedrejados no cenario das suas glorias de feira?

MERO REGISTRO

O'! senhores, eu não sanciono, não subscrevo, não aplaudo: registro, cotejo, moralizo. Não sou eu quem quero o povo com armas ou pedras na mão. Da lei desejo eu que nunca se arrede o povo, e só com a lei esteja armado. Porque debaixo da lei devem todos estar, e, sobre todos, sobre todos os poderes, aquele em quem deve residir o soberano manancial, donde ela procede.

CONSEQUENCIAS DOS ESBULHOS DO POVO

Mas, senhores, se não é o povo quem faz a lei, desde que não elege os legisladores, ninguem se pode admirar de que o povo lhe desobedeça. Um povo livre não está sujeito senão ás leis que vote pelos seus representantes. Mas se, com a mentira eleitoral, esbulham o povo do voto, que é a soberania do povo; se, com as oligarquias parlamentares, banem o povo do Congresso Nacional, que é a representação do povo; se, com as delapidaçõis orçamentarias, malbaratam a receita do imposto, que

é o suor do povo; se, com as malversaçõis administrativas, devoram a fazenda nacional, que é o patrimonio do povo; se, com o pretorianismo e a caudilhagem, anulam a defesa da patria, que é o grande lar comum do povo; se, com a postergação oficial das sentenças, destroem a justiça, que é o ultimo asilo dos direitos do povo; se, com a organização da incompetencia, do afilhadismo e da venalidade, excluem do serviço do Estado a inteligencia, o saber e a virtude, que são os elementos do governo do povo pelo povo e para o povo; se, em suma, escorcham, dessangram e envilecem o povo, subtraindo-lhe tudo o que realmente distingue um povo de uma besta de tiro; não nos espantemos de que, como aos mais lerdos muares, ou ás rêses mais mansas, esgotada um dia a paciencia á cançada alimária, junte os pés, e num corcôvo, desses que nem o gaúcho, nem o cossaco se aguentam, voem aos ares sela, estribos, chilenas, rebenques e cavaleiros.

A REVOLTA DOS RESIGNADOS

A ira dos pacientes, feita de incalculaveis acumulaçõis de sofrimento comprimido, não tem limites, e póde raiar pelas divisas da loucura. E' não abusarem da fraqueza dos humildes e resignados, se não querem ter dessas surpresas, que desestribam os mais fortes, e dão em terra com os mais seguros.

OS VERDADEIROS RESPONSAVEIS

Mestres da desordem, mestres da sedição, mestres da revolta são os que, do alto dos poderes da Republica, onde estão as grandes responsabilidades, e donde todos os exemplos, para o bem ou para o mal, são grandes contagiõis, assoalharam o desprezo da lei, tiveram aberta a escola da violencia, desencadearam a contaminação da imoralidade. Os escandalos que se desgalgam dessas assomadas, rolam agravados com o peso da sua enormidade e da sua queda, arrazando a vergonha nas almas. As infiltraçõis que decem desses vertices elevados, contaminam penetrantemente, de camada em camada, toda a redondeza. As cenas, que se representam nessas eminencias, despertam a imitação, estabelecem a moda, e constituem, para a corrução ou regene-

ração de uma sociedade, o mais eficaz dos ensinamentos. Os povos têm, é verdade, os governos que merecem. Mas, tambem, (e não é menos verdade) os povos refletem, copiam e imitam os governos, que têm. Os demagogos não perdem nunca as liçõis de prepoteancia e desordem, que os governos lhes dão com os seus atos. Uns e outros estão, nesse caso, fóra da lei, mas os governos mais indesculpavelmente do que as turbas populares. Os governos são corpos deliberativos, onde cumpre que reine a meditação, o estudo, o conselho e o senso da responsabilidade, ao passo que as multidõis são marés crespas, aguas vivas, dominadas por traiçoeiras correntezas, agitadas de ventos marulheiros. Um sopro as empola, uma repentina marêta as engrossa, uma enchia as estende além da ourela da praia, um meteoro inesperado as sacode espumantes contra os recifes. E em todas as costas do mundo o fenomeno é o mesmo. O engenho do homem ainda não inventou meio de conter e diciplinar esse elemento minaz e caprichoso, torvo e soberano. Dai-lhe a conciencia, e é o maior dos poderes. Tirai-lha, e será o maior dos perigos.

O VALOR DA BANDEIRA

Essa conciencia é a que eu quero despertar, e por isso a invoco solenemente, ao entregar-vos esta bandeira, jovens atiradores baianos. Todas as bandeiras são semelhantes no seu estofo, nos seus matizes, no seu destino convencional. O que as distingue, é a historia, o carater, o vigor moral da conciencia coletiva, que cada uma delas representa. A nossa já se póde ensoberbecer de um passado lisongeiro e inolvidavel nos campos de batalha. Mas a bandeira não é só o emblema da guerra: é principalmente o paladio augusto da paz na liberdade. Sua sombra se projeta sobre os lares, abriga as instituiçõis, e guarda o sagrado culto da Patria. Não é, pois, um simbolo morto: é uma entidade viva, consagrada a funçõis gloriosas: as de representar o vinculo nacional, dar ao sentimento da honra comum uma expressão visivel a todos os cidadãos e ser a signa da liberdade nos movimentos populares.

PERORAÇÃO

Mas essa expressão não é verdadeira, senão quando todos os cidadãos são livres. Numa comunidade cujos membros abandonaram os seus direitos, o estandarte nacional é a folha de parra da nudez da sua ignominia. Foi a excelencia da sua constituição, diz Tucidides, o que assegurou a Esparta o primeiro lugar na Grecia, e lhe deu a situação de cabeça dos confederados na guerra contra os Persas. Os Atenienses, com o alto senso politico do seu temperamento, em tal estima tinham a sua liberdade, que declaravam não a negociar nem mesmo a troco da salvação da sua terra. Cincoenta anos de prussianismo fizeram da Alemanha o pavor do mundo. Mas a esses cinoenta anos de acumulação da soberba, insolencia e material homicida a Europa republicana e parlamentar opôs o milagre da sua improvisação militar; e as estupendas reservas de energias morais entesouradas nas grandes naçõis do ocidente salvaram o genero humano da mais tremenda invasão barbara que nunca se viu ameaçar a civilização cristã. Guardai indelevelmente em vós esta lição maravilhosa, para não vos esquecerdes jamais de que, se a defesa das naçõis precisa do poder militar, o poder militar ainda muito mais necessita do vigor, da grandeza, da liberdade das naçõis, e de que, nas lutas entre potencias armadas, os povos ricos das virtudes civis que se nutrem do respeito á dignidade humana são os que têm segura a vitoria contra a brutalidade cevada nas paixõis da conquista.

A Baía já vos chama, vos chama saudosa, já vos espera desvelada. Ide, senhores. Testemunhas do espetaculo grandioso e inolvidavel a que assististes, ides, moços baianos, dizer, nos vossos lares, a vossos irmãos, a vossos pais, a vossos companheiros que tivestes, nesta comemoração da nossa independencia, a visão palpavel do renacimento do Brasil ao sentimento dos deveres da defesa da nossa integridade e da nossa existencia entre as naçõis. Levai á nossa estremecida mãi comum, a essa amoravel e dadivosa terra da Baía, as expressõis da nossa ternura, da nossa devoção e da nossa saudade. Recolhei estas flores, estes aplausos, estas ovaçõis, que lhe pertencem. Mostrai-lhe esta bandeira, a que ela tantas vezes tem servido com esse impetuoso entusiasmo da honra e esse calor de

patriotismo, que são a gloria do seu carater. Jurai-lhe sobre este simbolo augusto que sabereis corresponder aos reclamos da nossa Patria, no meio da transformação geral por que vai passar o mundo civilizado. Falai-lhe das galas e belezas da metropole, que tendes admirado. Retende, enfim, no seio d'alma, as emoções da vossa estada festival no coração do territorio brasileiro. Mas lembrai-vos de que este coração, grande e anemico, está pedindo o sangue vivificante, que lhe mingúa, sangue novo, sangue energico, sangue puro, e de que ele só lhe poderá vir dos membros deste grande corpo, onde se cultivar a regeneração das qualidades, que a nossa rebaixada politica e a nossa preguiça moral deixaram desaparecer dos nossos costumes.

Discurso não lido pelo academico Albuquerque Liborio, como orador oficial do Batalhão dos Atiradores Baianos:

Minhas senhoras.

Meus senhores.

Argonautas sequiosos de um grande futuro para o Brasil, o velocino que nos seduz e empolga tem uma refulgencia indizivel. Lobrigamol-o, dos mais altos cimos da nossa perspectiva, por invisiveis clareiras, que dão para a imensidade, nos momentos em que só o corpo o temos no lugar onde nos achamos, e o espirito, a vogar pelas infinitas paragens da ideia, oscila, no meio de uma alvorada, de escampado em escampado, de fraguedo em fraguedo, de crista em crista de serros alcantilados, até se apegar ás mais luminosas cumiadas do ideal, onde brotam, arremessando-se com um viço tropical para o azul sem plagas, as flores das aspiraçõis nobres sobre todas e sobre todas fecundas. Do regaço dessas eminencias sublimadas, miradoiro onde se debruça a contemplar, na transparencia da sua lucidez, as mais puras idealidades, sonhando, figurando, anelando para a patria um futuro de fulgores incomparaveis, como o orbe nunca tenha admirado, ele sempre desfere o vôo pela amplidão do espaço infindavel em busca do reino imaculado, querido e eterno da paz entre os homens.

Nesse pervagar pela vastidão imensuravel, librando-se, de onde em onde, nas serenas alturas celestes, o nosso espirito, descrente da realização dos seus anelos, evoca o mais divino dos exemplos humanos de grandeza moral e intelectual a serviço da patria e da humanidade na defensão dos mais sagrados direitos a cada passo conculcados e da justiça frequentemente desdenhada, e vê surdir e alevantar-se, ao longe, num fundo iluminado, onde se confundem, em soberba harmonia, as mais esplendidas belezas naturais, um vulto extraordinario.

A sua augusta presença inspira-lhe confiança na realização dos grandes ideais, proseguindo o nosso espirito a sua viagem talvez fatigado e triste, mas não

desiludido, não desanimado; e, em rememorando a trajectoria do imenso astro, que tão a ponto dissipara as sombras dos desalentos que ameaçavam toldar os claros horizontes do futuro, já se lhe inflama nas misteriosas profunduras o ardor dos mais castos entusiasmos, a cujo influxo timbramos todos de pugnar, no limite de nossas forças, pelo futuro nacional: pelo futuro intelectual, na academia; pelo futuro material, no comercio; e, até, como hoje mister se faz, pelo futuro militar, no quartel.

As festas que ora aqui se nos fazem, miram a aplaudir-nos e premiar-nos os serviços militares. Com elas, porém, e mais, infinitamente mais que por elas, a colonia baiana infiltra-nos n'alma o amor dos cometimentos coroados pelo sacrificio, dando-nos, entre os transportes suavissimos deste momento magnifico, com a palavra de Ruy Barbosa, os seus conselhos, as suas saudaçõis, os seus aplausos, as efusõis de seus sentimentos intemeratos, a impressão viva e inapagavel da presença real, nesta solenidade, daquele cuja só evocação nos nossos devaneios patrioticos nos infunde fé e coragem, — Fé no porvir da patria e da humanidade. — Coragem para, sob o influxo do seu modelo, sacrificarmo-nos por ele. Em agradecimento a estas homenagens, houve por bem o Batalhão dos Atiradores Baianos delegar-me transmitir-lhe o sentir.

No que, porém, não atentou, é em que me falecem forças, para bem cumprir a missão que me toca neste posto.

O meu acanhamento natural, a minha justa desconfiança em mim mesmo, a minha insuficiencia, o receio de me expor, num cenario como este, aos riscos que me aponta a minha irremediavel fraqueza, tudo isso me levaria a recusar a tarefa que se me cometeu, se não fôra o dever de aceital-a e a certeza de que assim as comoçõis profundas e infinitamente doces, que ora nos fazem vibrar, como a suma individualidade do orador, em todo o caso, sempre me dariam algo que falar.

Do orador — "por mais que diga, mais me ha de ficar inda por dizer".

Pelo que toca á intensidade das emoçõis que nos percorrem em estremecimentos prolongados, bem posso afirmar que, ainda anos depois de transcorridos estes dias memoraveis, quando relancearmos os olhos por este

passado risonho, sedento de ideal e gloria, para logo nos ocorrerá a lembrança deste momento de cultura e civismo, em que as nossas mais caras aspiraçõis nos palpitam no coração de um modo imprevisto, e em que nos sentimos evolar, murmurando no segredo das conciencias o nome da patria e o do seu filho que a encarna e representa na plenitude de todos os seus esplendores, para o seio do reino por ele suspirado, e tão laboriosa e tenazmente perseguido, o "reino do espirito, com o enlace da liberdade européa com a liberdade americana, numa comunhão hostil á guerra, e armada contra ela, de garantias inquebrantaveis".

Esse ideal, que é o ideal do Brasil, não se póde de presente realizar. Pena é que não possamos adotar por ora o "si vis pacem, para pacem". Trabalharemos, entretanto, quanto em nós couber, pelo conseguir. Cumpre que a humanidade se aperfeiçôi; que se não eclipse, mas se purifique, o senso moral dos povos.

Doloroso é dizer, como, pouco ha, eu notava ao responder á eloquente saudação, com que, em nome da bancada baiana, nos recebeu o ilustre deputado pela Baia, sr. Mario Hermes, que paira, principalmente no Velho Mundo, cujo multisecular edificio social parece desabar aos choques inauditos desta guerra sem rival na memoria dos homens, acima dos acontecimentos do presente, como o espirito deste tempo, de que Deus desviou os olhos, uma voz misteriosa, que é a voz do espirito do tempo, a aconselhar a instrução militar, o serviço militar, a organização militar, porque só no poder militar estão atualmente as condiçõis de toda a segurança contra a gana desenfreada dos povos sem tino e sem lei. Escutada a voz do espirito do tempo pelos que nos governam, estamos dispostos a servir a esta gleba favorecida do ceu, consagrando-lhe com delicia o melhor das nossas energias. Mas esperemos que ao *cedat jus armis* suceda o *cedant arma togae*. Esperemos que Deus volva os olhos para a parte da humanidade que desatina, e se asselvaja.

Se a propria crença em Deus, para infelicidade do genero humano, dia a dia se enfraquece, e com ela a fonte inestimavel das maiores virtudes...

A filosofia, sem haver resolvido o eterno problema impenetravel, pretende eliminar da esfera de suas cogitaçõis a ideia de Deus, por ter existencia puramente

verbal, carecendo de conteúdo. Claro que tomo aqui a palavra no sentido em que perspicua e concisamente a define Spencer no paragrafo 37 da 2ª. parte dos *Primeiros Principios*, como "o saber completamente unificado", a rainha das ciencias, "concentrada no estudo do cosmos, não do cosmos reduzido a parcelas disjuntas, mas do cosmos uno, conjunto integral dos varios departimentos em que as ciencias o dividem e retalham, para melhor lhe apreender o complicado e complexissimo mecanismo".

A filosofia assim entendida, "banindo de seu campo os misterios da religião e os problemas abstrusos que lhe formulava a imaginação indiciplinada, e baseando-se nos dados positivos da observação e da experiencia larga e longamente acumulados pelas ciencias particulares", para elaborar, deixando ás ciencias as atividades penetrativas da analise, a suprema síntese do cosmos, já não considera, hoje em dia, indecifravel o enigma das coisas, nem lhe pretende devassar os arcanos adotando a ideia do sobrenatural.

Se Kant e os seus dicipulos, partindo de que somos levados, pelas necessidades analiticas do pensamento, a buscar a razão de um condicionado noutro, que lhe seja superior, e a deste, por sua vez, noutro, e assim infinitamente, e de que não podemos conceber um termo sem antecedente, donde derivassem todos os consequentes, porque, para assim fazel-o, fôra mister sair das categorias de espaço, tempo e causalidade, formas essenciais do pensamento; — se viram forçados a promover a primeiro termo, como uma necessidade da razão, um dos pontos da série linear e acendente, e projetando-o fóra do Universo, atribuindo-lhe natureza diversa da desta, declararam a mente humana incapaz de o compreender, — Roberto Ardigó, levantando a tese da "absoluta naturalidade" do cosmos e de seus fenomenos, desentifica o Noumeno de Kant e o Incognocivel de Spencer, que reduz á precaria condição de meros fantasmas da imaginação, e afirma que dentro na sua tese se desvendará o supremo segrêdo, o Ignoto.

Não nego que os seus argumentos me persuadam a razão. Tambem a minha tem por mal postas e inexistentes a questão de origem e outras. Parece-lhe que o que nos compete, em face do Universo, é estudal-o como uma "Realidade formidavel, que se nos impõi no facto

bruto, irretorquivel e implacavel de sua propria afirmação; que nos assedia, empolga e domina; cujas influencias sentimos, e não podemos deixar de sentir e afirmar; a que nem ao menos podemos dar uma representação mental, simbolizando-o, na visão mais vaga, generica e abstrata que póde atingir o humano entendimento, apenas ilusoriamente, por uma esfera imensa e incompleta, cujo centro esteja ao mesmo tempo em toda a parte, mas cuja circunferencia não esteja, nem possa estar, em parte alguma".

Mas, por outro lado, como já tive ocasião de asseverar nesta ordem de ideias, a despeito de haver meditado o raciocinio do celebre professor da Universidade de Padua, levado a cabo a fio de logica, eu não me corro de confessar com toda a sinceridade nos labios que, na calada das noites, quando pervago os olhos até aos mais distantes longes do meu descortino em cata de um foco luminoso nos horizontes que a minha mente alcança, para esclarecer e desatar o insondavel misterio, e, á maneira que me concentro e debato no anseio torturante, mais e mais recúa, cada vez mais envolto em trevas, o meu ponto de mira, sinto tragar-me um mar de densas duvidas, que repelem o frio raciocinio de Ardigó, e não tardam em se submeter, surpreendidas por clarões misteriosos, que, a breves trechos, fuzilam no espesso nevoeiro que me envolve, trazendo-me pelo coração a dentro a placidez da fé.

E Voltaire dizia que "a fé é uma duvida que se submete"; além de que, ao meu fraco ver, o sentimento é o mais alto criterio da verdade.

Alisto-me entre os sequazes de Pascal. Com ele sinto que "o coração tem razões que a razão não compreende".

Bem sei que se tem explicado psicologicamente a crença no sobrenatural como o resultado de um desenvolvimento dispar da inteligencia e do sentimento.

Alega-se que a inteligencia evoluciona mais rapidamente que o sentimento; que, assim sendo, vai eliminando, graças á sua crecente cultura, ilusões que permanecem influindo nele; donde se colige que este, mais atrasado, porém mais poderoso e energico que aquela, frequentemente impõi as suas crenças.

Sem pôr em duvida a verdade desta lição, eu creio, com Ruy Barbosa, que "Deus é a necessidade das ne-

cessidades, Deus é a chave inevitavel do Universo, Deus é a incognita dos grandes problemas insoluveis, Deus é a harmonia entre as desharmonias da criação. A intuição de Deus não cessa, não cessará jamais de esplender, no fundo obscuro e invisivel do pensamento, como o mais remoto dos astros nas profundezas obscuras do éter".

Os que, como ele, se não afastam do ideal cristão, formando-se ao seu influxo, natural é que tenham os sentimentos mais acrisolados que os que o repelem; ou ignoram.

Aqueles, ainda depois de espraiarem o vôo, arrebatados pelo invisivel, para os seus misteriosos destinos desconhecidos, desligando-se do envoltorio material que os prende á terra, — como certos astros, que, embora extintos, ainda iluminam deslumbrantemente, — continuam a ser-nos mentores com o indelevel fulgor de sua vida exemplarissima.

Ruy Barbosa é, entre eles, um astro sem paralaxe.

Escusado, porem, seria agora traçar-lhe a trajectoria, por todos sobejamente conhecida.

De mais a mais, tempo já é de terminar. Fal-o-ei, agradecendo, em nome dos Atiradores, aos baianos residentes nesta Capital, a insigne honraria, com que nos cumularam.

Merecem relevados os esforços que, para o brilho desta homenagem, envidaram os drs. Miguel Calmon e Pires e Albuquerque. Ao dr. Moniz Sodré, *leader* da bancada baiana, justamente admirado por seu poderoso talento aliado a um carater sem jaça, impetro a fineza de transmitir aos seus colegas a nossa gratidão.

Ao imenso Conselheiro Ruy Barbosa em especial agradecemos a fidalguia sem par da sua oração e dos seus aplausos, afiançando dizer á Baía, que, ainda bem afastado o navio das suas plagas, já nos acena, dos esfumados relevos de seus montes saudosos, por saber do filho muito amado, que o seu coração continúa tão cheio de bondade, tão fertil em extremos quanto a sua cabeça de luz.

AMAZONAS

GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura